

A (DES)ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA FEIRA LIVRE DO BAIRRO CANOEIRO – GRAJAÚ/MA

Naiara Barbosa Santos¹; Marcos Nicolau Santos da Silva; Francisco Lima Mota²

Resumo: As feiras livres fazem parte do contexto histórico, social e econômico da humanidade, cuja função e ação se introduzem de forma significativa na vida cotidiana das diferentes populações, bem como na própria significação de um dado lugar. A sobrevivência de inúmeras famílias que garantem a subsistência a partir do excedente ou de outros mercadores que encontram nelas uma forma de trabalho. No Nordeste, elas foram responsáveis pelo surgimento de diversas cidades. Diante da importância que tem as feiras para o contexto histórico e geográfico, este trabalho tem como objetivo analisar a (des)organização espacial da feira do Canoeiro a partir das relações que acontecem nesse espaço, levando em consideração que essa é uma importante atividade econômica do bairro. Os resultados obtidos foram que a feira livre do Canoeiro sofre de problemas estruturais, que se agravaram por uma gama de fatores, dentre eles a falta da intervenção do poder público dentro desse mercado periódico. Em suma, percebemos que a feira livre do Bairro Canoeiro é um espaço precário que exerce práticas importantes como o escoamento da produção agrícola, sendo esta uma atividade que garante a renda de muitas famílias de Grajaú.

Palavras-Chave: Atividade econômica; Precarização; Desorganização espacial.

INTRODUÇÃO

A palavra “feira” origina-se do latim *feria ae*, designando “dias de festa” e, no plural, esta palavra refere-se aos dias de repouso, quando ocorriam determinadas festividades, aproveitando para a realização das atividades comerciais, como as feiras. Num conceito mais simples, a feira pode ser considerada como a reunião de vendedores e compradores em local e horário definidos, para a realização de práticas comerciais (GIANNECCHINI; AZEVEDO; BOTELHO, 2007).

As feiras livres fazem parte do contexto histórico, social e econômico da humanidade, cuja função e ação se introduzem de forma significativa na vida cotidiana das diferentes populações, bem como na própria significação de um dado lugar. Elas significam uma importante transformação da rotina humana, a partir do fim dos hábitos nômades e da adoção de um lugar fixo de moradia. Considera-se que bazares, ruas de barracas e lojas já existiam no espaço urbano por volta de 200 a.C (MUMFORD, 1982 apud LIMA; SAMPAIO, 2009).

Dessa forma, evidencia-se que as feiras tiveram uma maior efetividade no período medieval, haja vista que se buscava expandir os comércios no Extremo Oriente. Nesse sentido, as feiras livres são fenômenos socioeconômicos muito antigos, cuja consolidação se deu principalmente na Idade

¹ Licenciada em Geografia/UFMA, Professora da rede Municipal de Educação, Grajaú/MA, barbosas@gmail.com

² Doutorando em Geografia/UNICENTRO/PR, Técnico Administrativo UEMASUL, franciscocesiuema@gmail.com

Média, todavia suas práticas remontam do momento que o homem deixou de ser nômade e passou a cultivar a terra e domesticar animais em prol da sua subsistência (LIMA; SAMPAIO, 2009).

Segundo Souto Maior (1978 apud Lima e Sampaio, 2009), as feiras livres sofreram forte influência do contato comercial do Ocidente e do Oriente na Idade Média, tendo em vista que o surgimento de muitas cidades e a concorrência comercial exigiram o desenvolvimento de mecanismos de compra, venda e troca, ainda cruciais para a expansão Europeia no século XVI.

Na Idade Moderna, as feiras continuaram em desenvolvimento, expandindo-se para além dos territórios europeus e modificando decisivamente a rotina de muitos povos, incluindo o Brasil, onde algumas feiras possuem uma relevância tão significativa que chegam a ser relacionadas constantemente com as tradições e costumes de um povo. Além de que as feiras livres se constituem como um mercado de trabalho que emprega uma quantidade de trabalhadores, que, através delas, garantem sua renda e movimentam a economia local e regional (LIMA; SAMPAIO, 2009).

No Brasil, as feiras livres existiam desde o período Colonial, momento em que se multiplicaram rapidamente, cumprindo a função de abastecimento de alimentos aos primeiros adensamentos humanos, tornando-se produto da influência dos colonizadores portugueses no país. Lima e Sampaio (2009) consideram que as feiras medievais portuguesas, que funcionavam de forma semestral e anual, serviram como inspiração para a organização das feiras brasileiras.

Segundo Mascarenhas e Dolzani (2008), feira livre no Brasil constitui uma modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios, produtos básicos e regionais.

As feiras livres enquanto formas de comércio que são destacam-se como atividades econômicas importantes para as cidades onde elas ocorrem. No Nordeste, elas têm um papel relevante na difusão cultural e de formação de núcleos urbanos, principalmente no interior do Nordeste. Foram responsáveis pela fundação de algumas formas de povoamento que posteriormente se transformaram em grandes centros urbanos, núcleos econômicos e culturais.

As feiras como objeto geográfico: o circuito inferior da economia

Para entendermos a feira como objeto de estudo geográfico e situá-la na teoria dos circuitos espaciais da economia urbana, devemos contextualizá-la de acordo com o período histórico e o meio técnico que a envolve. Milton Santos explica que cada período demonstra a existência de elementos específicos de ordem econômica, política, social e moral, caracterizando dessa forma um verdadeiro sistema. Estes períodos são intercalados por diferentes tipos de modernização, através

da generalização de uma inovação advinda de um período anterior ou de uma fase mais imediata (SANTOS, 2008).

Milton Santos (2008) propôs a teoria dos dois circuitos da economia urbana, o circuito superior e o inferior. Dessa forma, independentemente do nível de crescimento, toda a cidade possui duas áreas de mercado, uma representada pela realidade nova e outra com gostos tradicionais que podem ser facilmente identificados, pois estes dois subsistemas econômicos agem lado a lado.

No circuito inferior, o trabalho é intensivo, desse modo, há uma grande utilização do trabalho manual, a organização é primitiva e o capital é reduzido, há uma maior empregabilidade, principalmente pelo fato de o trabalhador não precisar de um alto grau de instrução. Nesse aspecto, o trabalho não se caracteriza como unicamente assalariado, tendo em vista que muitos indivíduos vendem seus produtos para garantir sua subsistência e há diferentes formas de pagamentos dos serviços prestados por possíveis colaboradores. No circuito inferior, os preços são modificados pela necessidade do vendedor ou mesmo através de negociações com o comprador (SANTOS, 2008).

O circuito superior refere-se ao adjacente de atividades realizadas com capital ativo, resultado direto da modernização tecnológica e a maior parte das relações ocorre fora da cidade, pois possui referência nacional e internacional. Nesta categoria enquadram-se os bancos, comércios e indústrias de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. Por outro lado, o circuito inferior apresenta relações locais e são representadas pelos serviços não-modernos fornecidos a varejo. Nesta modalidade que estão inseridas as feiras livres, pequenos comércios, ambulantes, camelôs e outras formas de pequenos comércios (SANTOS, 2008).

O circuito inferior geralmente diz respeito às atividades econômicas informais. Encontramos essa atividade bem caracterizada nos vendedores ambulantes, em uma banca de cuscuz na porta de uma casa ou até mesmo por pequenos comerciantes. O comércio das pequenas e médias cidades apresenta-se como formal e informal. O comércio formal está interligado à teia globalizada, a partir de uma relação de concorrência, sendo esta a responsável para mover esse mercado. O comércio informal se caracteriza nas feiras livres, são comércios seculares que estão resistindo na tentativa de sobreviver diante da acirrada competitividade do mercado globalizado.

As feiras possuem um grande potencial como espaço de comercialização e relações sociais, bem como em termos de movimentação do comércio do local, geração de ocupações e renda, possibilitando o controle sobre a procedência dos produtos (SACCO DOS ANJOS et al., 2005).

As feiras se configuram como espaços dinâmicos da vida urbana, por trazerem uma gama de fatores que demonstram as múltiplas relações e uso das organizações econômicas nas cidades, sendo consideradas como espaços que possuem aspectos diferenciados em relação a outros tipos de organizações comerciais modernas, a exemplo dos supermercados. (VEDANA, 2004 apud GIANNECCHINI; AZEVEDO; BOTELHO, 2007).

As feiras livres se configuram como importantes espaços da vida humana, as quais historicamente foram cruciais para o surgimento de muitas cidades, bem como o estabelecimento de tradições e costumes populares. Sendo assim, a feira tem relevância para além do trabalho, trazendo uma série de perspectivas sobre as diferentes formas de interação sociais e culturais que envolvem esta prática comercial tão antiga, mas que sobrevive ao avanço da Globalização e à ausência de apoio político para estruturá-las. A feira, portanto, como um fenômeno dinâmico se adapta às novas demandas sociais, econômicas e culturais existentes.

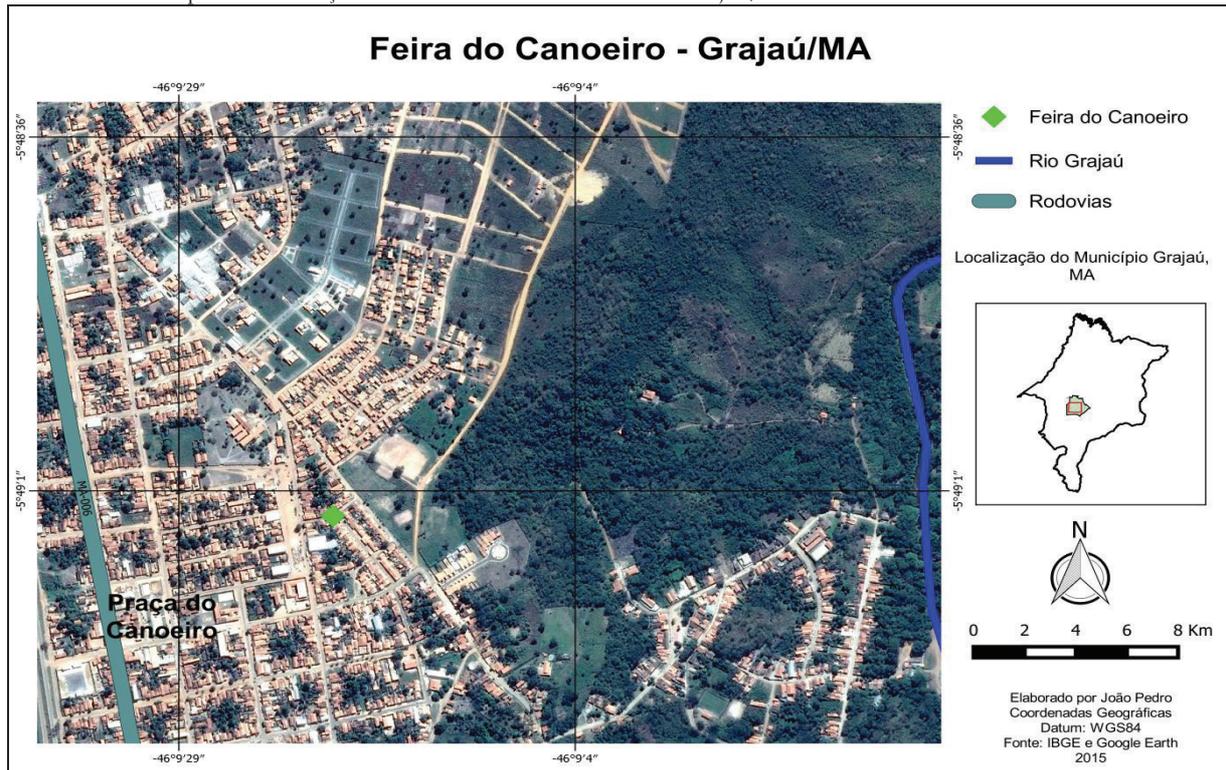
Nesse sentido, a precariedade do espaço se torna um elemento de importante análise, observando as condições em que as feiras livres estão submetidas para seus funcionamentos, mas também levando em consideração as condições higiênica e sanitária nas quais os feirantes trabalham e seus produtos estão submetidos.

Entendendo que as feiras livres sofreram influências das novas dinâmicas estruturais, torna-se importante evidenciar a problemática da (des)organização espacial e as limitações que são impostas a este espaço e como ele se constitui a partir de uma perspectiva geográfica.

Nesse sentido, se insere a feira do Canoeiro, a qual está situada no bairro de mesmo nome. Hoje, ela tem aproximadamente 245 feirantes, dentre eles produtores rurais, aposentados e comerciantes ambulantes. A feira já funcionou em outro local do bairro, na Rua José Rodrigues da Costa, onde havia um antigo mercado de carnes. Por decisão do poder público da época, a feira foi retirada deste local e se instalou na Rua Raimundo Morais. O novo espaço seria provisório, mas o tempo passou e a feira se fixou nesta localidade, o que já tem aproximadamente dez anos.

A realização deste estudo tem o intuito de analisar a dinâmica e a organização da feira livre do bairro Canoeiro, bem como os desafios para a superação da precariedade espacial. Além disso, outros objetivos buscaram: identificar a diversidade e origem dos produtos comercializados na feira; observar as condições de infraestrutura e higiene do espaço onde é realizada a feira; e analisar os impactos positivos e negativos da feira para o contexto local do bairro Canoeiro e para o município de Grajaú.

FIGURA 1 – Mapa de localização da feira no bairro Canoeiro – Grajaú/MA.



Fonte: IBGE e Google Earth, 2015.

MATERIAIS E MÉTODOS

Primeiro foi realizado um levantamento bibliográfico. Utilizamos a pesquisa de caráter misto. Foi feita ainda uma pesquisa de campo. Instrumento de coleta de dados: entrevista semiestruturada com feirantes e informações nas secretarias municipais.

A partir da pesquisa de campo foram realizadas observações e entrevistas semiestruturadas com questões objetivas e subjetivas. Foram entrevistados 25 feirantes da Feira do Canoeiro, em que buscamos compreender as diferentes perspectivas sobre as condições de trabalho na feira do Canoeiro. A seleção ocorreu a partir de amostra aleatória, com o objetivo de ter um panorama geral sobre a temática a ser pesquisada, levando em consideração, em especial, as impressões construídas por esses indivíduos ao serem entrevistados sobre a feira livre do Canoeiro. A feira possui 245 feirantes, segundo a Secretaria de Infraestrutura. Utilizamos o critério de que entrevistariamos feirantes de todos os segmentos, no intuito de abarcar a diversidade de relações sociais e sujeitos que regem a organização da feira do Canoeiro.

Dentre os entrevistados, nove são mulheres e dezesseis homens. Uma parte dos feirantes entrevistados mora na zona rural, trabalham a partir da agricultura de subsistência e vendem na feira o excedente da sua produção. Existem ainda os feirantes que residem no núcleo urbano, o

que possibilita uma interação entre campo e cidade em um único espaço, aumentando a dinâmica da feira.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: A PRECARIZAÇÃO DA FEIRA DO CANOEIRO NA PERSPECTIVA DOS FEIRANTES

As feiras livres são responsáveis por desenvolver o comércio local. Ao analisar o processo de formação da feira do Canoeiro iremos notar a sua importância para o desenvolvimento do comércio do bairro e para suprir as demandas de seus frequentadores, além da relevância econômica para aqueles que fazem a feira – os feirantes.

A feira livre do bairro Canoeiro fica localizada na Rua Raimundo Moraes, mas antes a mesma era instalada onde hoje é a atual Praça do Canoeiro. As feiras são responsáveis por fomentarem o comércio de onde se instalam, e assim a feira do Canoeiro atraiu o comércio para as localidades onde ela se instalou e também para o local onde hoje se encontra instalada.

Sobre os dados da pesquisa, constatamos que 14 dos 25 feirantes entrevistados não produzem as mercadorias comercializadas na feira, os 11 restantes são produtores feirantes, em sua maioria, pequenos produtores que comercializam o excedente na feira do Canoeiro. Buscamos entender ainda se os feirantes possuem terras para o cultivo de seus produtos, obtivemos os seguintes resultados: 10 dos entrevistados possuem terras e 15 não possuem. A partir do primeiro questionamento, buscamos saber se os feirantes produziam o que comercializavam na feira, questionamos aqueles que falaram não serem os produtores com o objetivo de saber a origem geográfica desses produtos. Tais feirantes se utilizam de atravessadores, porém os mesmos acrescentaram que utilizam-se desses mercadores por possuírem um preço mais acessível. Assim, esses feirantes acabam incorporando à feira do Canoeiro produtos oriundos de outros lugares, o que podemos observar no quadro 1.

Como demonstra o quadro acima, as mercadorias comercializadas na feira do Canoeiro já ultrapassam as fronteiras maranhenses, pois existe uma variedade regional dos produtos comercializados no espaço da feira, isso faz com que o capital tenha um giro regional. Tais relações comerciais podem ser entendidas a partir da assertiva de Cleps (2004, p. 117), quando afirma que “o comércio passa de uma função social para uma função mais econômica que vai inventando e adotando novas técnicas de comercialização, expandindo, incorporando e promovendo mudanças nas relações de troca e, principalmente, no espaço onde ele ocorre”.

Um ponto importante que buscamos compreender é sobre a reutilização de produtos em outros circuitos comerciais. Segundo Santos (2008), uma das bases das atividades do circuito inferior é justamente a reutilização dos bens. Observamos então que a maioria dos feirantes (16 pessoas) reutiliza seus bens para serem comercializados em outros lugares.

QUADRO 1 – Circulação de capitais de outras regiões na feira do Canoeiro.

REGIÕES	ESTADOS	PRODUTOS
Nordeste	Maranhão	Produtos locais de Grajaú: Carnes (porco, peixe, bode e bovina); Cheiro verde; alface; pimentão; pepino; abóbora; feijão; fava; couve; milho; melancia; quiabo; maxixe; tomate-cereja; limão; vinagreira; mamão; macaxeira; banana maçã; banana prata Produtos de outras localidades: abacaxi (São Domingos); acessórios (Imperatriz); ervas medicinais.
	Ceará	Confecções (Fortaleza); frutas; tomate; ervas medicinais.
	Bahia	Ervas medicinais
	Pernambuco	Frutas (Petroлина); verduras; ervas medicinais.
	Paraíba	Ervas da medicina alternativa; roupas.
Norte	Pará	Banana; laranja; ervas medicinais.
	Tocantins	Peixe; banana.
Centro-Oeste	Goiás	Confecções; ervas medicinais.
Sudeste	São Paulo	Laranja; roupas do mercado paralelo; acessórios.

Fonte: Pesquisa de campo (2015). Org.: SANTOS, N. B.; 2015.

Os demais entrevistados (nove feirantes) falaram que vendem suas mercadorias somente na feira do Canoeiro. Podemos observar que isso ocorre em decorrência de os mesmos residirem na zona rural, o que dificulta a locomoção com as mercadorias, restringindo suas trocas comerciais apenas à Feira do Canoeiro.

A feira é um mercado periódico, por ser um núcleo de povoamento que durante alguns dias da semana se transforma em uma localidade central, a partir de práticas sociais, econômicas ou culturais (CORRÊA, 1997). Nesses termos, a feira do Canoeiro se enquadra nesse mercado; é um espaço de múltiplas relações.

Como um mercado periódico, cuja comercialização acontece apenas aos domingos, buscamos saber se os feirantes possuem outras fontes de renda, uma vez que há outros dias da semana disponíveis para outras atividades. Sobre a existência de outras fontes de renda, dos 25 feirantes entrevistados, 13 afirmaram que possuem outra fonte de renda. Dentre esses feirantes, encontramos vários aposentados que procuram complementar a renda familiar e realizar alguma atividade. “Sou aposentado, mas o salário mal dá para sobreviver e, como trabalhei minha vida toda, não vejo mal em trabalhar agora” (Entrevistado nº 22).

As outras profissões que encontramos na feira são as mais variadas. A entrevistada de nº 10 possui uma fundição de gesso e vai à feira para vender o que produz em suas terras. “Tenho

minha fundição, mas, como não consumo tudo que produzo em minha roça, então trago para vender na feira”.

Já os 12 feirantes que responderam não possuir outra renda afirmaram que a feira do Canoeiro se constitui como sua única fonte de renda e durante os dias que antecedem a feira, se preparam exclusivamente para a seleção e organização dos produtos que ali serão vendidos.

Muitos feirantes veem na feira uma atividade econômica que complementa a renda. Por ser um mercado informal é notável que não haja um número fixo de feirantes. O exemplo de aumento de agentes no espaço da feira é a prática do extrativismo, na qual muitos aproveitam a “época” de determinados frutos típicos do Cerrado para comercializá-los na feira. A FIG. 2 mostra alguns dos produtos comercializados pertencentes ao extrativismo: bacuri, buriti, pitomba, coco babaçu, bacaba. Em outras épocas, conforme o período sazonal, encontramos também na feira o pequi, a castanha de caju, a juçara, cajá, seriguela, ata, coco macaúba, urucum, o azeite de coco babaçu, óleo de pequi, azeite de mamona, óleo de copaíba, leite de mucuíba, entre vários outros. O extrativismo é uma prática sazonal, utilizada para o aumento da renda.

A feira do Canoeiro é um cenário de muitos improvisos, as barracas são confeccionadas pelos próprios feirantes, os caixotes de madeiras e os baldes se transformam em banquinhos, as tábuas servem para expor as mercadorias. É possível perceber que os feirantes improvisam também na hora de transportar as mercadorias para feira, a exemplo o carrinho de mão que leva a fava e que é reaproveitado para expor o produto. À exceção dos criadores de peixe do Projeto Boa Vista, os demais feirantes não recebem ajuda da prefeitura no transporte de suas mercadorias, isso faz com que os feirantes busquem menores custos.

A feira do Canoeiro acontece somente os domingos, por ser um mercado periódico buscamos saber se os feirantes possuíam outras fontes de renda, 13 afirmam que possuíam outra fonte de renda e os 12 entrevistados restantes afirmam não possuir outra fonte de renda.

Considerando que nem sempre os feirantes vendem todos os produtos, a existência de excedentes de produção evidencia de que forma as atividades econômicas desenvolvidas na Feira do Canoeiro estão correlacionadas, principalmente pela diversidade de mercadorias disponibilizadas. Nesse sentido, indagamos sobre a prática de troca de mercadorias entre os feirantes.

A partir das entrevistas, 17 dos feirantes afirmaram que realizam trocas de mercadorias na feira. Essas trocas ocorrem principalmente entre produtos alimentícios, tais como carnes e hortaliças. Os feirantes trocam mercadorias entre si para consumo próprio, como podemos observar na fala da entrevistada nº 10: “vendo feijão e farinha, tudo vem da minha roça, como nem

sempre as vendas são boas e consigo vender tudo, eu sempre procuro trocar por outros produtos que eu não tenha. Hoje troquei farinha por peixe, então já tenho o meu almoço”.

FIGURA 2 – Mosaico dos frutos do extrativismo.



Fonte: Trabalho de campo, 2015.

Dessa forma, é importante considerar que “nem tudo ainda é classificado exclusivamente em termos de compra e venda” (MAUSS, 2003, p. 294), há nas feiras livres relações de amizade e vizinhança, através da reciprocidade e da confiança. Além disso, “no espírito da dádiva, os valores e as intenções pessoais figuram em primeiro plano; entretanto, esse circuito adquire materialidade por meio de ajuda financeira e de ajuda e troca no trabalho” (SATO et al., 2011).

O espaço destinado à feira é visto por muitos feirantes como sendo impróprio para as atividades que ali são exercidas, na tentativa de melhorar as condições da feira, o Governo do

Estado do Maranhão em parceria com a Prefeitura Municipal de Grajaú, através da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio, deram início à construção de um galpão fechado. A proposta do galpão seria resolver os problemas de desorganização do espaço da feira, mas os feirantes não acreditam que o galpão poderá sanar todos os problemas atuais da feira.

Os feirantes não se organizam de modo político, são articulados somente nos seus seguimentos, como é o caso dos criadores de peixe do assentamento Boa Vista. Também não são sindicalizados e nem tão pouco possuem a associação dos feirantes da Feira do Canoeiro.

A precarização do espaço da feira do Canoeiro incomoda não só os feirantes como também os consumidores, que se importam com a qualidade dos produtos. O período chuvoso (culturalmente traduzido na região por inverno) que é tão esperado por todos, principalmente pelos agricultores, não é assim tão esperado pelos feirantes, pois a chuva dificulta o acesso ao local.

FIGURA 3 – É dia de chuva! É dia de feira?



Fonte: Trabalho de campo, 2015.

A precarização do espaço é de fato um grande problema, que incomoda a todos, no inverno as vendas diminuem até mesmo os feirantes deixam de ir a feira. Mesmo diante das dificuldades, do esforço que exige a profissão de ser “feirante”, encontramos sujeitos que não veem a feira apenas como um espaço de trabalho, mas sim de relações e histórias de vidas.

São nas relações sociais que percebemos a dinâmica do espaço. O conjunto de relações intrínsecas entre sujeitos e ações, pois a expressão material do espaço é a sociedade. (QUEIROZ; OLIVEIRA, 2014, p. 110). É nessa perspectiva que o espaço da feira ganha vida, através das relações que são firmadas pelos indivíduos que ali estão, uma relação que perpassa as atividades de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As feiras livres são de suma importância para a economia das cidades onde elas acontecem, se configuram em um mercado muito antigo no que se diz respeito ao mercado varejista. Vale ressaltar a importância das mesmas para os municípios do Nordeste, pois foram elas responsáveis pelo surgimento de muitas cidades.

Muitos feirantes vivem em função do comércio informal devido à natureza itinerante, que varia um pouco com o grau de urbanização dos territórios. As feiras seguem uma “tradição” e muitas delas acontecem sempre no mesmo local, no(s) mesmo(s) dia(s), geralmente isso acontece nas médias e grandes cidades. Nas cidades pequenas, algumas feiras livres são parcialmente fixas, pois alguns feirantes comercializam carnes, legumes, frutas, verduras e até mesmo tecnologias, reutilizando o espaço da feira mesmo em dias de pouco movimento. Esse processo mantém a feira viva mesmo em dias que ela não acontece em sua totalidade.

É de suma importância salientar que nem todos os feirantes são produtores. Existem dois seguimentos distintos na feira – os produtores feirantes e os feirantes –, sendo que os primeiros possuem uma renda menor que os segundos. Estes são tidos como intermediários que comercializam na feira, mas que podem desempenhar importante papel no abastecimento de gênero alimentício, uma vez que os mesmos trazem produtos oriundos de outras localidades e que não são produzidos na mesma região, aumentando a diversidade regional nas feiras.

A feira do Canoeiro é um comércio com características típicas do circuito informal da economia. No entanto, o comércio informal e formal dialogam dentro do mesmo espaço da feira. Em outras palavras, os feirantes vendem suas mercadorias na feira, adquirem dinheiro e vão ao mercado formal em busca dos produtos que não possuem, se configura uma interação entre os dois circuitos da economia urbana.

A feira do Canoeiro foi responsável pelo desenvolvimento do comércio local, pois foi a partir de suas instalações que surgiram o comércio nas redondezas da feira. Vale salientar que a transferência da feira não fez com que o comércio acabasse naquela localidade, pois, nos dias de hoje, esse espaço se configura em um importante centro comercial do bairro Canoeiro.

As feiras influenciam no cotidiano das localidades onde elas acontecem, mudando hábitos e criando outros. Partindo dessa análise, notamos que a feira do bairro Canoeiro trouxe hábitos às pessoas dessa localidade, como o de acordar cedo aos domingos para ir à feira. Os comércios das redondezas também sofrem influência da feira, pois estes passaram a funcionar aos domingos em função da mesma. Inclusive o horário da missa matinal do domingo, no bairro do Canoeiro, foi alterado em função da feira. Antes a missa ocorria às 9h30 e hoje ela é realizada às 6h30, para que os fiéis possam ir à igreja antes de ir à feira, a qual fica localizada bem próxima igreja.

Fazendo uma análise do histórico da feira do Canoeiro, percebe-se que esta, desde o seu início, é um espaço de aglomerado de exclusão, pela falta de planejamento para o local em que se realiza a feira, ainda as atividades que são praticadas de formas indevidas.

A feira do Canoeiro foi responsável pelo desenvolvimento do comércio local, pois foi a partir de suas instalações que surgiram o comércio nas redondezas da feira. Vale salientar que a transferência da feira não fez com que o comércio acabasse naquela localidade, pois, nos dias de hoje, esse espaço se configura em um importante centro comercial do bairro Canoeiro.

Encontramos na feira as mais diversas relações, que perpassam as relações de trabalho. A reciprocidade é caracterizada nos atos das trocas, quando os feirantes trocam entre eles mercadorias no intuito de adquirirem outros produtos que não possuem, assim, ao término da feira, o feirante que comercializa feijão volta para casa com o feijão, o peixe e outros produtos. Essa relação é comum no espaço da feira do Canoeiro.

Constatamos que a feira do Canoeiro é um espaço que padece de uma carência profunda em infraestrutura, limpeza e organização do espaço. Problema este que, na perspectiva dos feirantes, tem impactado no movimento da feira. Com a modernização dos supermercados e com o crescimento das frutarias em Grajaú, que já oferecem uma maior variedade de frutas e hortaliças, a feira deixou de ser o único espaço que oferecia esses produtos, o que pode ser um dos motivos pelo qual tenha diminuído o fluxo de pessoas na feira, apontam os feirantes.

As condições a que são submetidos os feirantes são precárias, o espaço não dispõe de uma infraestrutura adequada, as barracas são confeccionadas pelos próprios feirantes, o que faz com que muitos deles exponham seus produtos de maneira imprópria para a comercialização e o consumo. Contudo, a precariedade do espaço da feira do Canoeiro perdura até os dias de hoje, o que faz com que os feirantes se sintam de certa forma excluídos, pois a quietação do poder público

em relação aos problemas existentes no espaço da feira faz com que os mesmos se questionem sobre a valorização de suas profissões.

REFERÊNCIA

BOECHAT, Patrícia Teresa Vaz; SANTOS, Jaqueline Lima dos. **Feira Livre: dinâmicas espaciais e relações identitárias**. São Paulo, 2009.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. O comércio informal e a cidade. In: SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2., 2003, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997

GIANNECHINI, Laura Mariana; AZEVEDO, Maria Mercedes S.; BOTELHO, Ricardo Aparecido. **“Feira livre também é cultura!”** – Feiras livres como espaços de intensa sociabilidade na cidade de São Paulo. São Paulo: Departamento de Antropologia, FFLCH-USP, 2007. 15 p. (Relatório).

LIMA, M.A.E.F.; SAMPAIO, J. L. F.; Aspectos da formação espacial da feira-livre de Abaiara – Ceará: relações e trocas. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 19., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2009, p. 1-19.

MASCARENHAS, G; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 4, p. 72-87, ago. 2008.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. Territorialidades e sociabilidades na Feira Livre da cidade de Caicó (RN). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 17, p. 244-249, fev. 2006.

QUEIROZ, Greiziane Araujo; OLIVEIRA, Clarice Gonçalves S. de. Feira livre: uma proposta metodológica para o ensino de geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 5, n. 9, p. 110-123, jul./dez. 2014.

SACCO DOS ANJOS, F.; GODOY, W. I.; CALDAS, VELLEDA, N. **As feiras-livres de Pelotas sob o império da globalização: perspectivas e tendências**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2005.

SANTOS, Milton. **O Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2 ed., 1. Reimpr. São Paulo: EDUSP, 2008.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & Sociedade**, Cidade, Edição especial, v. 1, n. 19, p. 95-102, jan./jun. 2007.

SILVA, Darciane de Oliveira. Dinâmica espacial da feira livre de Cruz das Almas: uma leitura a partir das proposições de gestão e planejamento municipal. In: SIMPÓSIO CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS DA BAHIA, 2., 2011, Vitória da Conquista. **Anais eletrônicos...** Vitória da Conquista: UESB, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/ascmpa/article/view/3635>>. Acesso em: 27 ago. 2018.